Me Ensine a Sua Cidade

Ele Conhece Todas as Ruas. Ainda Precisa Descobrir os Desejos Dela



Laura Bellini

Me Ensine a Sua Cidade

Ele Conhece Todas as Ruas. Ainda Precisa Descobrir os Desejos Dela

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384905524

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4

Capítulo 1 - O homem que conhecia todos os caminhos 10

Capítulo 2 - As regras do caminho compartilhado 22

Capítulo 3 - O lugar que não aparecia no mapa 34

Capítulo 4 - Fora do percurso estabelecido 46

Capítulo 5 - O direito de ter uma noite só para si 59

Capítulo 6 - Quando o caminho nos aproxima 71

Capítulo 7 - Entre o beijo e a vida cotidiana 82

Capítulo 8 - Entre as pessoas que ele conhecia 91

Capítulo 9 - O mapa que não queríamos perder 103

Capítulo 10 - Onde o mapa termina 116

Capítulo 11 - A proximidade também tem seus limites 128

Capítulo 12 - Quem segura o lápis 143

Capítulo 13 - O preço da própria voz 154

Capítulo 14 - Aquilo que não dizíamos 167

Capítulo 15 - O limite que não podia ser ultrapassado 179

Capítulo 16 - Quando é preciso partir 199

Capítulo 17 - Os caminhos que escolhemos por conta própria 211

Capítulo 18 - O primeiro passo sem garantias 221

Capítulo 19 - Não basta conhecer o caminho 230

Capítulo 20 - A cidade onde podemos ficar 241

INTRO

A primeira coisa que marquei no mapa não foi uma rua, uma praça ou um edifício. Foi um portão pelo qual a maioria das pessoas passava sem pensar duas vezes, sem perceber que, depois dele, começava um mundo completamente diferente.

Eu estava diante dele numa manhã fria de outubro, segurando debaixo do braço uma pasta com documentos e um copo de café que já havia esfriado. Um bairro novo de Łódź despertava lentamente. As luzes se acendiam nos andares térreos dos prédios antigos recém-reformados, alguém abria uma pequena padaria e, do outro lado da rua, um entregador tentava encaixar o carro numa vaga que, evidentemente, havia sido projetada para veículos com metade daquele tamanho. Atrás de mim, um bonde passou, deixando no ar seu característico ruído metálico.

Eu gostava daquelas manhãs. A cidade ainda não havia colocado sua expressão oficial. Não havia multidões, câmeras fotográficas nem pessoas paradas no meio da calçada para ler a placa com a história de mais um edifício restaurado. Havia janelas entreabertas, cheiro de pão fresco, calçadas irregulares e lugares que não tinham motivo algum para agradar a ninguém. Talvez fosse justamente por isso que me pareciam tão interessantes.

Eu desenhava mapas havia anos. Não aqueles encontrados nos guias turísticos, com linhas grossas, ícones coloridos e pontos obrigatórios onde todos deveriam tirar uma fotografia. O que me interessava eram as passagens, os atalhos, os pequenos estabelecimentos, os pátios internos, as escadas que não levavam a lugar nenhum e os

espaços cujo significado era conhecido por apenas algumas pessoas. Eu acreditava que um mapa não precisava dizer a alguém para onde deveria ir. Deveria, antes, mostrar onde essa pessoa poderia encontrar algo que ainda nem sabia estar procurando.

Naquele dia, eu tinha meu próprio plano. Queria percorrer o trajeto definido, verificar alguns pontos que havia marcado anteriormente e decidir quais mereciam fazer parte do meu passeio autoral. Não precisava de um guia. Não precisava de um consultor. Acima de tudo, não precisava de ninguém ao meu lado explicando o que eu deveria observar.

Eu tinha trinta e um anos e experiência suficiente para saber que independência não significava nunca aceitar ajuda. Significava poder decidir quando ela era necessária.

Abri a pasta e retirei uma impressão do mapa provisório. Em um dos pátios internos, havia marcado um pequeno ponto que chamara minha atenção no dia anterior. O acesso era feito por um portão estreito e, depois dele, havia uma escadaria antiga, com portas de madeira e uma janela voltada para o pátio interno. Na imagem de satélite, aquele lugar parecia apenas mais um espaço vazio entre edifícios. Na realidade, tinha seu próprio ritmo, o cheiro das paredes úmidas e uma luz que, durante alguns minutos pela manhã, atingia a parede num ângulo extraordinário.

Dei dois passos em direção ao portão quando ouvi uma voz atrás de mim.

— Com licença, está procurando alguém?

Virei-me. Na porta de uma pequena loja estava uma mulher usando um suéter escuro, com um molho de chaves pendurado no dedo. Seus cabelos grisalhos estavam presos de maneira despretensiosa na parte de trás da cabeça. Ela

tinha o olhar de alguém que não pretendia fingir que não havia percebido uma desconhecida circulando diante de sua casa.

— Não. Estou observando o pátio.

— E por quê?

A pergunta era simples, mas a resposta exigia alguns segundos de reflexão.

— Estou criando um mapa desta região. Quero mostrar lugares que não aparecem nos guias turísticos tradicionais.

A mulher olhou para minha pasta e depois para o portão.

— Este pátio não é uma atração turística.

— Eu sei. Foi justamente por isso que me interessei por ele.

Ela não sorriu. Por um instante, tive a impressão de que deveria explicar melhor minhas intenções, mas não queria convencê-la de algo que nem eu mesma ainda conseguia descrever direito.

— Moram pessoas aqui — disse ela. — Algumas não gostam que estranhos fiquem olhando pelas janelas.

Olhei novamente para o portão. No meu mapa, eu o havia identificado como uma passagem interessante. Mas não tinha pensado que, para alguém, aquele lugar era, antes de tudo, a entrada de sua própria casa.

— A senhora tem razão. Não quero incomodar ninguém.

A mulher ficou em silêncio por alguns instantes, como se estivesse tentando descobrir se eu realmente falava sério.

— Se quiser ver como é o lugar, posso mostrar pelo lado da loja. Mas, por favor, não coloque o endereço no mapa.

Assenti e guardei a caneta. Entrei atrás dela num pequeno cômodo que cheirava a café e produtos de limpeza. Nos fundos havia uma porta que dava para o pátio. A mulher a abriu apenas o suficiente para me mostrar a vista.

Vi uma bicicleta encostada na parede, alguns vasos com plantas, um patinete infantil e uma janela cujo parapeito sustentava uma pequena estatueta de porcelana. Nenhum daqueles objetos tinha valor histórico. Nenhum deles apareceria num mapa oficial da cidade. E, ainda assim, havia neles exatamente aquilo que eu estava procurando.

— Entendo — disse baixinho.

— Que bom. Porque nem todo mundo entende logo de primeira.

Saí da loja com uma nova anotação, mas também com uma sensação desagradável de que meu plano, tão cuidadosamente preparado, era menos completo do que eu imaginava. Um mapa podia ser bonito, preciso e cheio de lugares interessantes e, mesmo assim, continuar sendo injusto com as pessoas cujas vidas aconteciam fora das linhas e dos símbolos.

Sentei-me num muro baixo e abri meu caderno de esboços. Em vez de acrescentar outro ponto, risquei o que havia marcado anteriormente. Ao lado, escrevi: "Nem tudo o que pode ser encontrado precisa ser mostrado".

Gostei daquela ideia mais do que de qualquer outro elemento do projeto até então.

Durante a meia hora seguinte, caminhei sem pressa. Parei diante de algumas vitrines, fotografei detalhes das fachadas e anotei nomes de ruas. Em determinado lugar, encontrei uma pequena oficina onde um homem mais velho consertava relógios. Em outro, havia uma escadaria que

levava a um estabelecimento cuja placa estava tão desbotada que só podia ser lida de perto. Cada um daqueles lugares tinha sua própria história, mas eu não pretendia inventá-la por conta própria.

Quando voltei à rua principal, meu telefone vibrou no bolso do casaco. A mensagem era da pessoa responsável pela coordenação do projeto do passeio.

"Tenho o contato de um guia que conhece esta parte de Łódź melhor do que qualquer outra pessoa que poderíamos indicar. Radosław Żak. Dizem que ele consegue contar a história de cada rua. Gostaria que vocês conversassem antes da aprovação definitiva do percurso."

Soltei um suspiro.

Trabalhar com um guia não fazia parte do meu plano original. Eu entendia, porém, que, se aquele passeio deveria ser algo além de um caderno de esboços particular, precisaria verificar informações que não tinha como confirmar sozinha. Não queria construir o projeto com base em suposições minhas. Por outro lado, também não pretendia entregar a ninguém o direito de decidir quais lugares mereciam ser apresentados.

Respondi brevemente que poderíamos nos encontrar.

Depois, olhei novamente para o mapa. Eu já conhecia algumas ruas, algumas passagens e algumas histórias que não pretendia tirar de ninguém. Sabia o que queria criar, embora ainda não soubesse quantas coisas teria de mudar para levar aquele projeto até o fim.

Eu não conhecia Radosław Żak. Não sabia como ele era, como falava ou por que deveria conhecer aquele bairro melhor do que eu. Sabia apenas que, segundo diziam, ele

conseguia encontrar o caminho em lugares onde os outros enxergavam apenas becos sem saída.

Fiquei pensando se ele seria capaz de entender que, às vezes, o caminho mais interessante começa exatamente onde alguém decide abandonar o percurso estabelecido.

Guardei o caderno na bolsa e segui em frente. Pela primeira vez naquele dia, pensei que talvez o maior desafio não fosse desenhar a cidade como ela realmente era, mas encontrar alguém que me permitisse enxergá-la à minha maneira.

E se o homem que conhecia cada rua não fosse capaz de aceitar que nem todas levavam aonde ele próprio escolheria ir?

Capítulo 1 - O homem que conhecia todos os caminhos

O encontro havia sido marcado para as dez horas, em uma pequena cafeteria instalada no térreo de uma antiga fábrica. Escolhi aquele lugar não porque fosse particularmente charmoso, mas porque ficava exatamente entre as duas partes do bairro que eu queria conectar no mapa. Pela janela, era possível ver a fachada restaurada de um edifício e, do outro lado da rua, um mercado absolutamente comum. Eu gostava dessas combinações. Elas me lembravam que uma cidade não era formada apenas por aquilo que alguém considerava digno de restauração.

Cheguei quinze minutos antes. Espalhei sobre a mesa meus esboços, minhas anotações e uma impressão do mapa com os pontos marcados. Havia preparado perguntas sobre a história da região, os nomes das antigas fábricas e algumas passagens cujo traçado havia mudado durante as reformas mais recentes. Entretanto, não pretendia entregar ao meu interlocutor o projeto inteiro. Precisava do conhecimento dele, não de sua autorização para realizar meu próprio trabalho.

Quando a garçonete trouxe meu segundo café, a porta da cafeteria se abriu e entrou um homem que reconheci pela descrição que havia recebido no dia anterior. Não porque tivesse aparência de guia turístico. Não carregava uma câmera pendurada no ombro, uma mochila de viajante ou qualquer daqueles pequenos acessórios que as pessoas costumam associar a quem conta histórias sobre uma cidade. Usava uma jaqueta escura, um suéter azul-marinho e segurava na mão uma folha de papel dobrada ao meio.

Ele percorreu o salão com os olhos, me encontrou e caminhou em minha direção.

— Irmina Borek?

— Sim. Radosław Żak?

— Em pessoa.

Apertamos as mãos. Seu aperto foi firme, mas breve. Percebi que primeiro olhou para mim e só depois para os documentos espalhados sobre a mesa.

— Desculpe pela pontualidade — disse ele, sentando-se à minha frente. — Normalmente chego mais cedo para verificar se o lugar do encontro ainda existe.

— As cafeterias não costumam desaparecer de um dia para o outro.

— Neste bairro, eu não teria tanta certeza.

Ele esboçou um sorriso. Ainda não sabia se aquilo era uma brincadeira ou um comentário baseado em experiência. Colocou a folha sobre a mesa e pediu um espresso.

— Recebi da Marta as informações básicas — começou. — Um passeio autoral, um bairro novo, lugares fora dos principais roteiros. Devo ajudar na verificação e sugerir alguns pontos.

— Não exatamente — respondi. — Já tenho um percurso preliminar. Gostaria que me ajudasse a verificar os fatos, a acessibilidade dos lugares e as histórias locais. Não estou procurando alguém para criar o roteiro no meu lugar.

Ele me olhou com interesse, como se tivesse acabado de ouvir algo que valia a pena guardar na memória.

— Ainda bem que deixou isso claro. Às vezes, as pessoas contratam um passeio e depois esperam que o guia invente até um motivo para realizá-lo.

— Eu tenho um motivo.

— Qual?

Empurrei a primeira folha em sua direção. No mapa, havia marcado nove pontos, conectados por uma linha fina. Alguns ficavam em ruas conhecidas por todos os moradores da região; outros estavam em lugares que poderiam passar despercebidos com facilidade. Havia uma antiga oficina, uma pequena praça entre prédios residenciais, um trecho de um antigo complexo industrial e alguns estabelecimentos que não possuíam nenhuma placa informativa.

— Quero mostrar o bairro sem fingir que ele é algo diferente do que realmente é — expliquei. — Não quero contar a história de Łódź apenas por meio de industriais, arquitetura e datas. Interessa-me o cotidiano. Os lugares pelos quais as pessoas passam porque têm seus próprios compromissos. Os detalhes que não aparecem nos materiais promocionais.

Radosław se inclinou sobre o mapa. Durante alguns instantes, não disse nada. Seus olhos percorreram as marcações e, em seguida, ele tirou do bolso um lápis fino.

— Posso?

— Por favor.

Ele marcou um pequeno trecho entre dois pontos.

— Aqui temos um problema.

— Qual?

— Esta passagem está fechada há três meses.

— Segundo os mapas municipais, continua acessível.

— Segundo os mapas municipais, também é possível chegar a um edifício que não existe há seis anos.

Não gostei do tom da resposta. Não porque tivesse sido grosseiro. Pelo contrário, falava tranquilamente, sem qualquer sinal de ironia. Era justamente aquela segurança que me dava vontade de encontrar imediatamente um argumento capaz de colocar as coisas em seus devidos lugares.

— É por isso que estamos conversando com alguém que conhece a região — respondi. — Mas, se o senhor tem informações sobre o fechamento, gostaria de vê-las.

— Posso mostrar.

Ele marcou um segundo ponto.

— Aqui, por outro lado, não faz sentido levar o grupo pela rua principal. É melhor entrar pelo sul.

— Por quê?

— Porque, pelo norte, é preciso atravessar um estacionamento de carga e descarga. Nos horários da manhã, não é particularmente agradável.

— O passeio não será uma excursão para pessoas que têm medo de ver um caminhão de entrega.

— Não estou dizendo que será. Só estou dizendo que podemos evitar esse trecho.

Observei-o com mais atenção. Parecia ter pouco mais de trinta anos, talvez trinta e sete, e tinha o rosto de alguém que observava mais do que falava. Seus cabelos escuros eram um pouco mais compridos no alto da cabeça, e a barba de alguns dias lhe dava uma aparência menos formal do que seu jeito de conduzir a conversa sugeria. Ele não

parecia interessado em me impressionar. Também não procurava confirmação de que suas observações estavam corretas. Simplesmente partia do princípio de que deveriam ser consideradas.

— O senhor tem o hábito de corrigir os mapas dos outros? — perguntei.

Ele ergueu os olhos.

— Só quando alguém pretende conduzir pessoas usando esses mapas.

— E se essa pessoa quiser primeiro decidir aonde deseja levá-las?

— Nesse caso, deveria conhecer o caminho.

— Eu conheço.

— Então metade do trabalho já está feita.

Encostei-me no espaldar da cadeira. Por um instante, tive vontade de fechar a pasta e encerrar o encontro. Não porque Radosław tivesse dito algo ofensivo, mas porque percebia nele um tipo de autoconfiança que poderia se tornar difícil de suportar durante semanas de trabalho em conjunto.

Por outro lado, ele tinha razão quanto à passagem fechada.

— Gostaria de percorrer com o senhor um trecho do trajeto — disse finalmente. — Não para conhecer tudo o que o senhor considera importante. Quero verificar se os pontos que escolhi fazem sentido.

— É justo.

— E não pretendo mudar cada lugar só porque o senhor conhece um caminho melhor.

— Não espero que mude todos os lugares.

— Pareceu que esperava.

— Talvez eu não tenha me expressado bem.

Foi a primeira vez que percebi que ele conseguia receber uma observação sem partir imediatamente para o contra-ataque. Notei isso e não quis admitir que havia me causado uma boa impressão.

Levantamo-nos da mesa. Radosław dobrou o mapa, mas não o guardou na pasta. Saímos para a rua, onde o sol de outubro refletia nas janelas de um edifício novo. Segui em direção ao primeiro ponto, enquanto ele caminhava ao meu lado, ligeiramente atrás de mim. Depois de algumas dezenas de metros, indicou a entrada de uma passagem estreita.

— Por aqui será mais rápido.

— Não quero ir pelo caminho mais rápido.

— Tudo bem. Só queria mostrar uma possibilidade.

Virei na direção oposta. No caminho, passamos por uma alfaiataria cuja vitrine estava quase completamente coberta por tecidos. Parei para fotografar a placa. Radosław não perguntou o que eu estava fotografando. Em vez disso, comentou:

— Quem administra o lugar é a senhora Elżbieta. Ela trabalha aqui há mais de vinte anos. Se quiser contar a história desse estabelecimento, é melhor perguntar a ela antes de fotografar o interior.

— Eu não pretendia entrar sem pedir autorização.

— Eu sei. Prefiro avisar.

— O senhor sempre presume que as pessoas não sabem como se comportar?

Ele virou a cabeça na minha direção.

— Não. Mas encontro com frequência pessoas que chegam com uma ideia pronta sobre a vida dos outros. Depois ficam surpresas quando os moradores não querem participar da história que elas inventaram.

Não respondi imediatamente. Lembrei-me da mulher da loja e da anotação que havia feito no dia anterior. Não pretendia explicar a ele que estava justamente começando a aprender aquilo.

— Nesse ponto, eu concordo — disse.

— Que bom.

Paramos diante de uma pequena praça que não aparecia em nenhum dos mapas turísticos mais conhecidos. Havia um banco, algumas árvores e um antigo quiosque com a persiana fechada. Ao fundo, era possível ver um trecho da parede de tijolos de uma antiga fábrica. Não havia nada de espetacular naquele lugar, mas a luz incidia sobre o muro de uma maneira que imediatamente chamou minha atenção.

Tirei o caderno de esboços e comecei a desenhar.

Radosław ficou parado ao meu lado por alguns instantes. Depois, apontou para o quiosque.

— Este lugar tem uma história que a senhora não encontrará nos arquivos.

— Qual?

— Durante muitos anos, vendiam jornais, passagens e cigarros aqui. O proprietário conhecia todos os que atravessavam a praça diariamente. Sabia quem havia mudado de emprego, quem tinha se mudado e quem havia deixado de aparecer. Quando fechou o quiosque, as

pessoas começaram a dizer que a praça tinha perdido seu centro.

— E como o senhor sabe disso?

— Pelas pessoas que costumavam vir aqui.

— Conversou com elas?

— Com algumas. Com outras, durante anos.

Anotei suas palavras, mas ainda não as incluí no projeto. Primeiro queria verificar se o antigo proprietário do quiosque concordaria em compartilhar sua história. Radosław percebeu que eu não estava colocando nenhum símbolo no mapa.

— Não vai marcar o ponto?

— Por enquanto, não. Primeiro quero saber se este lugar pode contar sua história sem invadir a privacidade de alguém.

Ele me observou por um momento e depois assentiu.

— É sensato.

— Não precisa ficar surpreso.

— Não estou.

Seu sorriso apareceu por apenas um instante, mas foi suficiente para que eu percebesse a mudança em seu rosto. Antes, ele me parecera um pouco austero. Agora, enxergava alguém capaz de ser gentil, embora não distribuísse essa gentileza a qualquer pessoa que encontrasse.

Percorremos mais algumas ruas. Em cada ponto, Radosław acrescentava alguma informação, às vezes corrigindo um nome, às vezes apontando uma alteração na disposição dos edifícios. Algumas informações eram muito úteis. Outras me pareciam um aprofundamento

desnecessário do assunto. Quando sugeriu deslocar um dos pontos algumas centenas de metros, recusei. Ele aceitou, embora eu tenha percebido que continuou olhando para o mapa como se ainda estivesse considerando sua própria versão.

Antes do meio-dia, sentamo-nos em um banco. Coloquei meu caderno de esboços entre nós.

— Tenho uma pergunta — disse. — Por que aceitou participar deste projeto?

— Marta pediu.

— Isso eu sei. Mas por que não recusou?

Ele pensou um pouco antes de responder.

— Porque gosto de mostrar às pessoas lugares que elas mesmas talvez nunca encontrassem. E porque, cada vez mais, os passeios por Łódź parecem acontecer como se a cidade fosse formada por alguns pontos obrigatórios. Mas as pessoas também vivem entre esses pontos.

— Então temos pelo menos um objetivo em comum.

— Parece que sim.

— Mas nossos métodos são diferentes.

— Isso ainda não precisa ser um problema.

Olhei para ele. Não havia ironia em sua voz. Falava como se realmente acreditasse que as diferenças poderiam ser aproveitadas.

— Vamos ver — respondi.

No caminho de volta, paramos em um cruzamento. Eu pretendia virar à esquerda, mas Radosław apontou para a calçada à direita.

— Por aqui a senhora chega mais rápido à cafeteria.

— Eu sei.

— Claro.

— Ainda queria ver aquela fachada.

Ele olhou para o edifício e depois para mim.

— Então vamos por ali.

Não comentou minha escolha. Não tentou me convencer de que existia um caminho melhor. Simplesmente seguiu ao meu lado. Aquele pequeno gesto me fez sentir mais à vontade do que durante toda a conversa anterior.

Perto da cafeteria, trocamos nossos números de telefone. Radosław salvou meu contato e depois olhou mais uma vez para o mapa.

— Preciso de algum tempo para preparar uma lista de lugares que merecem ser verificados.

— Eu também. Vou lhe enviar o esboço atualizado.

— Ótimo. Só peço que não interprete minhas observações como uma tentativa de assumir o controle do projeto.

— E o senhor não deve interpretar minhas decisões como erros que precisam ser corrigidos imediatamente.

Por alguns instantes, ficamos nos olhando em silêncio. Então ele abriu um sorriso mais amplo.

— Combinado.

Estendeu a mão e eu a apertei.

Ainda não sabia se aquela colaboração seria uma boa ideia. Sabia, porém, que Radosław Żak não era alguém que desistia facilmente da própria opinião. Eu também não tinha essa intenção.

E talvez fosse justamente por isso que, quando ele se afastou em direção ao ponto de bonde, continuei olhando em sua direção por alguns instantes, em vez de voltar imediatamente às minhas anotações.

Só quando cheguei ao estúdio e abri o mapa sobre a mesa grande foi que percebi quantas pequenas alterações ele havia sugerido durante o passeio. Nem todas eram necessárias, mas algumas realmente poderiam me poupar de cometer erros. Marquei a passagem fechada, acrescentei a informação sobre os horários de entrega e coloquei um ponto de interrogação ao lado do quiosque.

Não queria, porém, que as observações dele se transformassem automaticamente em uma nova versão do projeto. Pretendia verificar cada uma por conta própria.

Meu telefone vibrou. Era uma mensagem de Radosław, acompanhada de uma fotografia de um trecho do mapa com um caminho alternativo marcado.

"Não precisa utilizá-lo. Só acho importante saber que ele existe."

Li a mensagem duas vezes. Respondi:

"Saber não é a mesma coisa que escolher."

A resposta chegou quase imediatamente.

"Estou começando a entender que a senhora faz questão de preservar essa diferença."

Deixei o telefone de lado e voltei a desenhar. Não tinha certeza se ele estava brincando comigo ou se realmente tentava compreender minha maneira de pensar. De qualquer forma, pela primeira vez em muito tempo, uma conversa sobre um projeto profissional não terminava apenas com a

troca de arquivos e prazos. Algo havia ficado depois dela, algo que eu ainda não sabia nomear.

Capítulo 2 - As regras do caminho compartilhado

No dia seguinte, nos encontramos em meu estúdio. Convidei Radosław para as dezessete horas porque, antes do meio-dia, precisava terminar uma ilustração para outro cliente. Não pretendia alterar meus próprios compromissos só porque o novo projeto exigia o envolvimento de duas pessoas. Se trabalhássemos juntos durante as semanas seguintes, queria deixar claro desde o início que cada um de nós também tinha uma vida fora daquela colaboração.

Meu estúdio ficava no segundo andar de um antigo prédio residencial, em uma sala alugada por vários profissionais criativos. Eu ocupava um pequeno cômodo com uma janela grande, uma mesa de madeira e uma estante cheia de papéis. Em uma das paredes, havia amostras de cores; na outra, esboços de mapas que nunca haviam chegado a nenhuma editora. Não havia feito uma limpeza especial antes da visita dele. Não queria criar a impressão de que alguém que me visitasse por motivos profissionais precisava encontrar um ambiente perfeitamente organizado.

Radosław chegou pontualmente. Trazia uma bolsa de lona, da qual retirou dois cadernos, algumas impressões e um pequeno livro com as pontas das páginas dobradas.

— Vejo que se preparou para uma visita mais longa — comentei, afastando uma cadeira para ele.

— Não sabia quantas perguntas teria.

— Muitas.

— Nesse caso, ainda bem que não vim de mãos vazias.

Tirou a jaqueta e a pendurou no encosto da cadeira. Olhou ao redor do cômodo e deteve os olhos em uma grande folha de papel sobre a mesa. Nela havia um mapa do bairro, mas sem nomes de ruas. Em vez deles, eu havia colocado pequenas ilustrações: trechos de muros, janelas, escadas, árvores e entradas de pátios internos. Ainda não estava terminado.

— É um projeto seu? — perguntou.

— Um deles.

— Bonito.

— Não precisa me elogiar para que possamos trabalhar.

— Não estou elogiando por obrigação.

Ele disse aquilo com tanta naturalidade que não encontrei uma resposta. Percebi, porém, que não tocou na folha, embora estivesse bem diante dele. Esperou que eu mesma a empurrasse em sua direção.

Não deixei passar despercebido aquele pequeno detalhe. No dia anterior, durante o passeio, eu tivera a impressão de que ele queria corrigir tudo. Naquele momento, comportava-se de maneira diferente, como se soubesse que, no meu estúdio, não era o anfitrião.

Preparei café para nós dois. Quando voltei à mesa, ele havia organizado suas anotações em uma pequena pilha bem arrumada.

— Vamos começar pelo que é concreto — propus. — Precisamos criar um passeio com duração aproximada de noventa minutos. Nove ou dez pontos, sem atrações turísticas obrigatórias. O percurso deve ser possível de fazer em um ritmo normal, considerando uma pausa e uma rota alternativa.

— Noventa minutos podem ser pouco se quisermos conversar com as pessoas nos próprios locais.

— Nem todos os pontos precisam envolver encontros com moradores.

— Claro. Mas algumas histórias merecem ser ouvidas diretamente das pessoas que as construíram.

— Desde que elas queiram contá-las.

— Concordo.

Ele pegou um dos cadernos e o abriu em uma página onde havia alguns nomes. Não existiam endereços nem informações detalhadas ao lado deles. Notei apenas pequenas observações: "oficina — pedir autorização", "quiosque — sem decisão", "praça — lembranças dos moradores".

— São contatos que podemos utilizar — explicou. — Nem todas essas pessoas concordaram em participar ainda. Algumas preferiram saber primeiro como exatamente será o projeto.

— E o que o senhor disse a elas?

— Que não publicaremos nada sem a autorização delas.

Aproximei o caderno de mim. Gostei do fato de ele não tratar aquelas pessoas como materiais prontos para serem utilizados. No meu trabalho, frequentemente encontrava a expectativa de que, se alguém aparecesse em uma fotografia ou contasse uma anedota, automaticamente passaria a fazer parte do projeto de outra pessoa. Eu não queria trabalhar daquela maneira.

— Ótimo — disse. — Gostaria que definíssemos, para cada ponto, o que podemos mostrar e o que não podemos. Se alguém não quiser divulgar o sobrenome, não

divulgaremos. Se não quiser ser fotografado, não faremos fotografias. E, se decidir que não quer participar do passeio, procuraremos outra solução.

— São regras sensatas.

— Não quero que, mais tarde, tenhamos definições diferentes para a palavra consentimento.

— Não teremos.

Havia algo firme em sua resposta, mas, dessa vez, não interpretei aquilo como uma tentativa de impor sua opinião. Ele falava de algo que, aparentemente, considerava tão importante quanto eu.

Passamos à questão seguinte: o próprio percurso. Radosław apresentou uma proposta de sequência na qual os diferentes lugares formavam uma narrativa lógica sobre o desenvolvimento do bairro. O passeio começava perto da antiga fábrica, passava por uma rua com edifícios residenciais preservados e terminava em uma pequena praça.

— Historicamente, faz sentido — comentei. — Mas não necessariamente do ponto de vista emocional.

— O que quer dizer com isso?

— As pessoas não precisam conhecer uma cidade na mesma ordem em que ela foi construída. Podemos começar por um lugar aparentemente sem importância e só depois mostrar por que ele é especial.

— Mas, sem contexto, talvez não entendam o que estão vendo.

— É justamente por isso que vamos contar histórias. Não pretendo transformar o passeio em uma aula de cronologia.

Durante alguns instantes, ele observou meu mapa. Depois, apontou para um pequeno desenho que representava uma escadaria que levava a um antigo edifício residencial.

— Gostaria de começar aqui?

— Estou considerando essa possibilidade.

— Há um problema. A entrada por esse lado só fica disponível em determinados horários.

— Podemos verificar isso.

— Já verifiquei. O proprietário do edifício não quer que grupos passem por ali sem um acordo prévio.

— Então vamos pedir autorização.

— E se ele recusar?

— Excluiremos esse lugar.

Radosław me observou por alguns instantes.

— Simples assim?

— Simples assim. Não pretendo convencer ninguém de que nosso projeto é mais importante do que a tranquilidade dessa pessoa.

— Certo. Nesse caso, vou preparar uma alternativa.

— Pode preparar uma proposta. A decisão será nossa, em conjunto.

Ele parou o lápis sobre o papel. Não comentou minha ressalva, mas percebi que a anotou no caderno.

Trabalhamos durante mais uma hora. Conversamos sobre distâncias, tempo de caminhada e lugares onde o grupo poderia parar sem bloquear a calçada. Radosław conhecia detalhes que não podiam ser encontrados na internet. Sabia em quais horários uma das ruas recebia maior movimento de